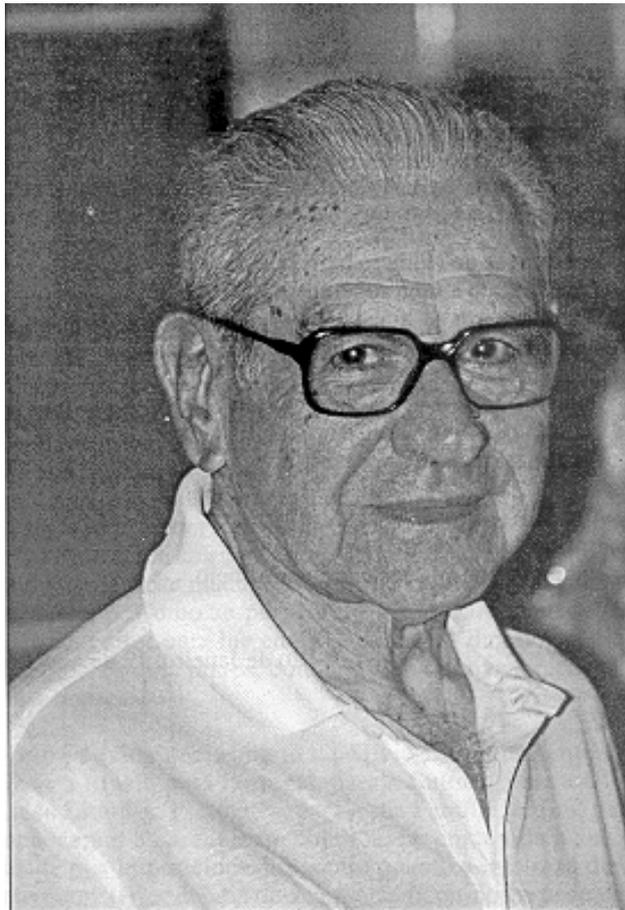




HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA



*Sílvio Edmundo Elia
(1913-1998)
Publicado em Confluência 17/18:7
(Rio de Janeiro, 1999)*



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

SÍLVIO ELIA (1913-1998)

*Evani Lobo Bachara**

Sílvio Edmundo Elia faleceu no Rio de Janeiro aos 16 de novembro de 1998. Com ele perdemos os estudos lingüísticos no Brasil um dos seus mais representativos nomes de especialistas que vieram depois da geração de M. Said Ali, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira, José Oiticica, Clóvis Monteiro e Augusto Magne.

Nasceu no Rio de Janeiro aos 4 de julho de 1913, de pai italiano e mãe brasileira. Em 1932 conclui o curso de Bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II e em 1936 termina a Faculdade de Direito, numa época em que entre nós ainda não se haviam inaugurado as Faculdades de Letras; no Rio de Janeiro, só se criaria em 1935 a Universidade do Distrito Federal, que ofereceria, pela primeira vez, na sua cidade natal, um curso superior de Letras. Coube ao acadêmico Afrânio Peixoto, seu primeiro reitor, ir buscar à Europa os professores para o início dessa atividade universitária. E assim tiveram os alunos o precioso concurso de mestres já consagrados, como Émile Bréhier, Eugène Albertini, Henri Hauser, Henri Tronchon, Gaston Leduc, Etienne Souriau, Jean Bourciez, Georges Millardet, Jacques Perret, Pierre Deffontaines, Robert Garric.

“Como desejasse seguir a carreira do magistério – confessa-nos Sílvio Elia num depoimento e o nível do corpo docente muito me atraísse, matriculei-me no primeiro ano do curso de Letras da UDF”; isso deve ter ocorrido entre 1936 e 1937, mas teve de desistir do intento por ter de ocupar as funções de professor da Prefeitura do Distrito Federal, aprovado que fora, em

* Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual do Rio de Janeiro.



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

primeiro lugar, em concurso público, quando o examinou o professor Sousa da Silveira. Em junho de 1938 foi contratado, por convite desse examinador, a ocupar o cargo em comissão de Professor Adjunto da UDF, até ser a instituição substituída, em 1939, pela Universidade do Brasil, de que fazia parte a Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1940, por novo convite de Sousa da Silveira, que exercia o cargo de Professor Catedrático interino, foi nomeado Professor Auxiliar de Língua Portuguesa, funções de que teve de se desligar, no ano seguinte, para voltar às suas aulas na Prefeitura do Distrito Federal.

Estréia no campo da produção dos estudos lingüísticos em 1940 com o livro *O problema da língua brasileira*, pondo o assunto da pretendida “língua brasileira” (que àquela quadra exacerbava o jacobinismo de políticos, escritores, jornalistas e intelectuais pouco preparados a enfrentar e discutir a questão) num plano de rigor científico. A repercussão favorável desse primeiro ensaio patenteia-se no Prêmio João Ribeiro, que lhe foi conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 1941.

O seu permanente interesse do domínio das questões de ordem abstrata de teorias da linguagem, extensão da boa formação filosófica, se revela na discussão, cada vez mais aprofundada, do estatuto epistemológico das idéias e correntes lingüísticas. Esta atividade se acha bem patente nas várias e extensas resenhas que preparou para as duas revistas dirigidas pelo inseparável amigo Serafim da Silva Neto (*Revista Brasileira de Filologia e Boletim de Filologia*), além de artigos como *Para uma semântica coseriana* (1979-1980, Friburgo-Munique), *De l' Ars Grammatica à la Grammatica Speculativa* (Homenagem a Eugenio Coseriu, Madrid, 1981), e, especialmente, no livro *Orientações da lingüística moderna* (1. ed. 1955; 2. ed. ampliada, 1978), em que sempre busca a posição teórica do autor como fio condutor de sua exposição e de suas propostas.

Considerado um idealista, no melhor sentido do termo, Silvio Elia diz de si mesmo: “A diretriz de seus estudos tem sido invariavelmente a constante humanística,



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

ou seja, o propósito de nunca separar a ciência da linguagem da realidade humana, convertendo a primeira, por exemplo, simplesmente num objeto natural e formal.”

O seu primeiro livro deixa patente outro domínio de estudo que o preocuparia por todo o percurso de vida: a variação e a mudança lingüísticas, e aí o seu posicionamento da unidade na diversidade do português do Brasil em relação à língua portuguesa como instituição histórica. “Outra meta da atividade de mestre e pesquisador – continua dizendo de sua própria obra num Memorial datado de 17 de fevereiro de 1980, ao se apresentar como candidato ao concurso de Professor Titular de Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a tese A questão semântica – é a de incluir sempre dentro da realidade humana a realidade brasileira. Principalmente o panorama da língua portuguesa no Brasil, fato irremovível de nossa evolução histórico-cultural, em suas diferentes fases e variantes”.

Nesse novo domínio, escreve A unidade lingüística do Brasil, condicionamentos geoeconômicos (Rio de Janeiro: Padrão, 1979) – que vai fazer jus ao Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1981. Ainda a esta área pertence o livro de natureza teórica Sociolingüística – uma introdução (Rio de Janeiro/Niterói: Padrão/EDUFF, 1987), e, com perspectiva mais ampla, porém com as mesmas conclusões, o tema reaparece na obra escrita para a Colección Idioma-Ibero-América (Madrid: Editorial Mapfre, 1992) El português en Brasil, história cultural. Na visão ampla da lusofonia, merece referida a síntese A língua portuguesa no mundo (Rio de Janeiro: Ática, 1989).

Desde o início de sua carreira, dedicou-se não só ao português, mas também ao latim. Desta última atividade são amostras O ensino do latim – doutrina e métodos (Rio de Janeiro: Agir, 1959), a seção dedicada à gramática latina do vol. VI da Enciclopédia Delta-Larousse, em companhia de Serafim da Silva Neto (Rio de Janeiro, 1964) e sua tese de concurso para Professor Catedrático de Latim do Colégio Pedro II intitulada Os elementos osco-umbros no vocabulário latino, concurso em que é classificado em primeiro lugar (1963).



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

Sílvio Elia também contribuiu com a literatura didática, escrevendo, com seu irmão Hamilton Elia, no domínio do português, 50 textos errados e corrigidos (1. ed. 1940, depois alterado o título para 100 textos, com várias edições); com dois de seus colegas professores de latim, os dois volumes do Curso de latim; com a professora Janette Budim os três volumes do Compêndio de língua e literatura, e sozinho o volume Língua e literatura e a parte de língua portuguesa do Dicionário gramatical da Editora Globo, de Porto Alegre (1962).

Alguns dos seus mais interessantes estudos, escritos uns para cursos ou conferências, outros para comunicações em congressos nacionais e internacionais, foram reunidos no volume Ensaios de filologia (1963), ampliados o título e a matéria para Ensaios de filologia e lingüística, na segunda edição (1976).

Para atender às necessidades das Faculdade de Letras, dá forma de livro às aulas de Filologia Românica ministradas aos alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que saem com o modesto título Preparação à lingüística românica (1. ed. 1974; 2. ed. 1979, revista e aumentada), pelo muito de lição que encerra.

Ao especialista aliava-se a sensibilidade do leitor de textos literários, como dão prova sua seleta em prosa e verso de Augusto Frederico Schmidt (1975), o artigo A linguagem de Casimiro de Abreu (1982) e As poesias de Anchieta em português (1984), em colaboração com Leodegário A. de Azevedo Filho.

Consagrado pelos livros e pelo magistério das aulas, exerceu atividade em congressos e em palestras fora do Brasil como, por exemplo, conferencista em Hamburgo, Heidelberg, Tübingen e Bonn, além de exercer as funções de professor visitante na Universidade de Lisboa (1964–1966) e na de Coimbra (1969), nas cadeiras de Lingüística Românica e Introdução aos Estudos Lingüísticos.

Côncio de sua alta e importante missão nos destinos do magistério de Letras, em especial no Rio de Janeiro, sem alarde e sem prepotência, Sílvio Elia procurou incentivar os colegas, particularmente os mais novos, no caminho do estudo e da pesquisa. Assim, lançou, com seu irmão Hamilton Elia e



HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

um grupo de amigos mais íntimos, os fundamentos do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro que, durante dez frutíferos anos, patrocinou encontros e conferências mensais, ressaltando-se desse empreendimento, a realização, na cidade de João Pessoa, do I Congresso Nacional de Sócio e Etnolingüística, de parceria com a Universidade Federal da Paraíba, em 1978, com a participação ainda de vários especialistas estrangeiros.

Nesses últimos oito anos, a menina dos seus olhos era o Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, que promove a publicação semestral da revista Confluência (já com 16 números), os artigos semanais de Na ponta da língua (os quase cem primeiros já reunidos no volume I da série que leva o mesmo título), além de cursos, encontros e dois congressos internacionais.

Sílvio Elia não foi apenas o mestre das pesquisas e estudos de sua especialidade; foi também o cidadão pleno, atento à educação, à cultura e ao respeito que os políticos e administradores da coisa pública devem aos membros da sociedade. Nessa convicção de cidadania, criticou como pôde e com os meios que lhe estavam ao alcance o pouco caso de autoridades para a educação, para a saúde pública, para o amparo à velhice, para os direitos dos aposentados e dos funcionários públicos, que acabam, prejudicados, pagando pelos desconcertos das más administrações.

Para completar este quadro do intelectual e do cidadão devem-se ainda ressaltar as qualidades reveladas pelo nosso saudoso amigo como marido extremo de D. Maria José da Fonseca Elia, como pai, avô e bisavô, numa jornada de sessenta anos, com os momentos de alegria e tristeza que a vida nos oferece.

Nesta hora em que a crise de cultura tanto abala e deixa desprotegida a humanidade, o exemplo de Sílvio Elia para o Brasil serve de estímulo, e sua lembrança um consolo para minorar a dor de nossa saudade.